

A EXPERIÊNCIA

A TURMA | TEATRO DA RAINHA



Desde a ESMAE

O António Afonso Parra enviou-me o seu drama geracional, A experiência, como proposta coprodutiva entre a sua Turma e a Rainha (TdR) a que também, de algum modo, pertence. Conhecemo-nos há um par valente de anos e já estive com ele em Freixo de Espada à Cinta, de onde é, e conheci a maior oliveira portuguesa à beira Douro pela mão do pai – 7 metros de diâmetro e 14 imaginados de envergadura, mais velha que as do Monte das Oliveiras, se não as bombardearam e ainda vivem.

Fui observando o seu percurso, desde a escola – fiz com o ano de curso do António um Horváth, As histórias do bosque de Viena, exercício final – e desde há esse par de anos reconheço nele o actor, a pessoa de teatro, deparando-me agora com o encenador/dramaturgo – é senhor de um humor que desarma e entusiasma, faz colectivo.

Entrou no espectáculo que realizei com texto do Danan, Jojo, o reincidente, no Pensa, Logo Sangra (Danan, Motton e Zúñiga), a fazer s/t, um monólogo Zuñiguiano, enfiado num paralelepípedo metálico de janelas abertas (há sempre quem veja paredes onda não existem), e foi par da Isabel Carvalho (a Isabelinha) no fantástico Playhouse que fizemos, a par de Definitivamente as Bahamas, de Martin Crimp, histórias de casais em idades diferentes.

Playhouse e O resto já devem conhecer do cinema, em que também entrou, foram as experiências mais vibrantes que partilhámos – o rapaz de um jovem casal incapaz de ser casal, vivendo a volubilidade de um humor instante capaz de tudo pôr em causa, incluindo a relação e a figura de Etéocles, o filho de Édipo que enfrentará o irmão, Polinices, num duelo fratricida por uma ambição de poder absoluto.

Foi um prazer vê-lo maturar-se como actor, crescer interiormente e na técnica de actor, também como escriba encenador.

Convidei-o a encenar o Pedido de emprego, um texto de Vinaver que me ficara na cabeça desde há muito. Saiu-se muito bem dessa encomenda.

A última experiência que realizámos juntos foi um regresso a s/t no pátio interior do Palácio de Mateus, em Vila Real, ao ar livre.

Quando me enviou a peça A experiência, agora em palco, fiquei com uma forte expectativa. Li-a de um fôlego e gostei, havia peça, situações, vozes, contradições em abismo num grupo de pós-adolescentes seduzido pela adrenalina possível de um weekend em circuito fechado – A Experiência é um laboratório subjectivo colectivo em registo fechado alimentado pela velha ideia do paraíso artificial, o real passa ao lado. Uma linguagem crua, geracional, uma soma de tagarelas enfiados num alojamento local à espera que lhes aconteça qualquer coisa de único, vital, diferente do que conhecem, fora do rame-rame, consumindo cogumelos mágicos – nada que ultrapasse os limites do que o mercado publicita, seja ele mais negro ou mais branco.

O que não vem de dentro e se confronta com o fora, o desconhecido o inconhecido, não se altera com adictivos alucinogénios de duvidosa eficácia – é quase como ir à caça de gambuzinos. Nada acontece a não ser o tempo passar, um entretenimento que não traz nada de essencial a uma vivência dominada pelo hiperconsumo e de algum modo pelo hipercontrolo, sistémicos – nada mais sistémico que um fim de semana num AL. A rapidez dos diálogos, a consistência do vazio das falas, uma certa inteligência ao serviço de um desejo lúdico absoluto, o fiado inconsequente da conversa fiada, e a "grande experiência" do fim

de semana a cinco, activa o que conhecemos, em ritmo de outros tempos, em textos do Tchecov: família e amigos a viver um tempo concentrado de férias que acaba por ser um revelador da natureza verdadeira dos comportamentos pela via da concentração acelerada das relações, um social-lab. Em A gaivota bem nos apercebemos da metáfora prometida que todos envolve quando sabemos da asa ferida do animal, um mau presságio. Todos nós trazemos uma ferida connosco e quando o dispositivo nos fecha no mesmo espaço em função de um isolamento esboçado como ilusão de desejo colectivo tudo pode acontecer no sentido da expressão daquilo que nega o alcance do sonho, afinal é tudo tão comezinho e insignificante.

No fim, a ressaca.

O mais curioso é verificar que, na realidade, nada se passa, nada acontece. Acontecer implica um outro verbo decisivo: mudar. E de promessas de mudar, de metamorfose substantiva vendida a metro, anda o inferno cheio. Não vivêssemos nós também na promessa constante de mudanças a cada ciclo eleitoral, apenas para se confirmarem as mesmas regressões. A ditadura demoliberal é lucrativa para os impérios pessoais, há PIB'S particulares maiores que PIB nacionais.

Longa vida ao actor e dramaturgo António Parra.

Até ao próximo.

Fernando Mora Ramos



UMA PANELA DE PRESSÃO CHAMADA JACUZZI

Resultado de uma parceria entre A Turma e a Galata Perform, de Istambul, "A Experiência", de António Afonso Parra, foi escrita no âmbito do programa Writing on New Realities. Nesta peça vamos encontrar cinco amigos isolados, durante um fim-de-semana, numa casa de campo, atraídos por um dos elementos do grupo para uma experiência. Em Quatro Actos pautados pelo decorrer das estações do ano, correspondentes a climas e ambientes vividos durante aquele fim-de-semana, é-nos oferecido, em traço caricatural, o retrato de uma geração. Nascido em 1987, António Afonso Parra, autor e encenador, arrisca uma perspectiva panorâmica sobre o seu tempo histórico, partindo dessa situação trivial que é a da suspensão da vida quotidiana num momento supostamente de lazer e de descontração.

VOU METER UMA MÚSICA, PODE SER?

A chegada à casa de campo instaura uma cisão com a vida quotidiana, desloca as personagens para um território desconhecido, momento de interrupção dos dilemas domésticos comuns. É a Primavera, período de regeneração e de reflorescimento plasmado nas enormes expectativas de Pimento (Fábio Costa), promotor desta «assembleia do cogumelo». Acontece que, após o reconhecimento da habitação e a distribuição dos quartos, de imediato as discussões começam a desenhar-se, ou porque André (João Cravo Cardoso) não vê comida no frigorifico ou porque Hugo (Tiago Moreira) não quer que fumem dentro da casa ou porque Filipa (Mafalda Taveira) não apanha net ou porque Raquel (Telma Cardoso) não informou André, o companheiro, sobre a experiência combinada no grupo de WhatsApp.

Através de diálogos frenéticos e ininterruptos, deliberadamente confusos, a contemporaneidade convivencial da Geração Y é caricaturada no modo como os elementos do grupo se atropelam uns aos outros, saltando de tema para tema como quem faz *scroll* num ecrã táctil, nada aprofundando, nada reflectindo. E se ao longo da peça são diversos os assuntos complexos aflorados num registo absolutamente simplista, logo no primeiro Acto encontraremos a homossexualidade de Hugo em confronto ameno com a aparente homofobia de André ou a problemática da apropriação cultural ultrapassada com a referência a um número de *stand-up comedy* de George Carlin. Este zapping temático é acompanhado de dois gestos altamente reveladores do universo *millennial*: a preocupação com a net e a mudança sucessiva de música ambiente, dois gestos mais empenhados em preencher o vazio de cada uma das individualidades do que em aprofundar uma experiência colectiva.

O refúgio de que fala Pimento no início, espaço de curtição tribal em busca da espiritualidade perdida – a referência aos índios não é despicienda –, degenera rapidamente no que parece ser «um hospital de malucos», expressão usada à entrada do Segundo Acto. Torna-se evidente a fragilidade dos laços que unem o grupo, as irritações epidérmicas, as expectativas goradas, o tratado de desconversação em que cada elemento é exímio, cada qual com as suas descompensações particulares.

JACUZZI É UM BOM SÍTIO PARA OUVIR JAZZ

Mastigados os cogumelos, escancarem-se portas à alucinação. Um dos aspectos mais interessantes desta peça é o jogo entre cena e sala proposto a partir do Segundo Acto. Como avaliar os comportamentos das personagens sem ter em conta a possibilidade de estarem

condicionados pela ingestão de cogumelos mágicos? A indefinição quanto ao estado de consciência das personagens em cena explicaria parte das situações hilariantes a que nos preparamos para assistir, mas não esgota a perspectiva crítica sobre esta geração do descartável que o texto retrata. Os próprios vão dizendo, à vez, que esperam ser dos cogumelos o que estão a experienciar, como se duvidassem de si mesmos, do que sentem, do que dizem e do que fazem.

O Verão instala-se com um brinde, ritual de celebração tantas vezes repetido ao longo da peça, tantas que acabamos por duvidar do seu genuíno significado. E é sobre o significado de brindar que a euforia descamba, mais uma vez, para a controvérsia. Hugo exige que André o olhe nos olhos durante um brinde, André acha que isso não faz sentido nenhum. A procura da excitação anestesiante, seja através do consumo de drogas, da dança ou da imersão no jacuzzi, é assim amiudadamente traída pela inclinação para a discussão fútil, o que nos leva a pensar tanto na dificuldade de descontração de cada um dos elementos do grupo como na dificuldade mostrada em aprofundarem o que quer que seja olhos nos olhos, sem subterfúgios. «Já repararam na Lua?», pergunta Raquel sem obter resposta. Mais à frente regressará ao tema, igualmente sem resposta, acrescentando: «Está cheia, está linda. Pena não haver net, dava uma *story* óptima.»

A desafinação da banda parece derivar do facto de cada elemento estar mais interessado nos solos individuais do que em acompanhar os restantes. Esta será uma das peculiaridades de "A Experiência", notória no modo como se distancia de qualquer forma de lirismo colocando-nos diante de uma microssociedade em que se impõe o individualismo mais leviano. Isto fica particularmente evidente na reacção ao momento introspectivo de Filipa imediatamente anterior ao jantar: «A minha vida é uma caminhada no escuro, sozinha, ou vou acompanhada com vocês?» Todos lhe respondem desconversando, partem para outra, seja o combate ao consumo de tabaco, os super-poderes, a economia liberal, a turistificação dos centros urbanos, o enfraquecimento da democracia ou a ansiedade de Pipo, o cão da Pipa.

ISTO ESTAVA A SER TÃO FIXE

As pistas oferecidas sobre as inquietações e os desassossegos íntimos de cada uma das personagens começam a aclarar-se no Outono, Terceiro Acto tingido de cores ligeiramente mais frias. Depois dos cogumenlos e do jantar frugal regado a minis e vinho, a acção concentra-se no jacuzzi. Lugar de relaxamento por excelência, o jacuzzi revelar-se-á antes uma panela de pressão das tensões latentes. À mudança de cena corresponde uma sobrecarga eléctrica que faz disparar o quadro, metáfora, talvez, de um estado anímico diferente que começa a desenhar-se numa peça em que os picos de energia alternam com breves instantes de alheamento, quebras, falhas. Se o propósito inicial era relaxarem, os cinco de "A Experiência" acabam traídos pelas relações mal resolvidas. E os recalcamentos vêm inesperadamente à tona revelando um retrato geracional assaz pertinente e acutilante.

Usando uma linguagem simples, directa, crua, desempoeirada, informal, em que proliferam os anglicismos relacionáveis com as práticas digitais, o texto gera junto do público uma familiaridade que corre riscos, nomeadamente o de fazer passar despercebida a condição de precariedade emocional do grupo em cena. Isto é especificamente visível na reacção agressiva de André quando Raquel lhe chama parvo ou na comicidade do descontrolo eréctil de Pimento face às revelações de Raquel. Às tantas, somos

levados a pensar numa espécie de *reality show* que expõe *ad absurdum* os mecanismos relacionais de uma geração composta por indivíduos desabituados de um qualquer sistema de valores não descartáveis. À experiência colectiva de isolamento, inicialmente tomada como momento de comunhão, correspondem, deste modo, as expectativas goradas que a confissão de Raquel no jacuzzi, sobre o mal-estar na relação com André, vem prefaciar.

PODEMOS TER UM MOMENTO DE SILÊNCIO?

Eis-nos chegados à estação do frio. No Inverno, a exaltação inicial tende para momentos de maior introspecção. Dá-se lugar ao silêncio, a um certo recolhimento superador dos atropelos e da gritaria. Entretanto, houve revelações e descobertas, algo se aclarou. Talvez os cogumelos tenham potenciado a libertação das inquietações individuais. *In vino veritas*, dizia-se nesse tempo em que os simpósios eram regados a vinho para que a verdade viesse à superfície sem peias.

Não se julgue, porém, termos chegado ao reino da lucidez. Levar uma gravidez a votos nunca será uma atitude particularmente elucidada. Ainda assim, há neste Quarto Acto uma descompressão reconciliadora que nos remete para uma certa bipolaridade grupal que nos trouxe da euforia mais histérica até à melancolia generalizada. Finalmente, todos olham para a Lua, símbolo do tempo que passa e tudo cura. O jacuzzi foi desligado, junto às cadeiras no jardim floresce uma tristeza que contrasta com a excitação desmesurada dos Actos anteriores. «Parece que levei uma coça emocional», diz Pimento. Também nós.



À CONVERSA
COM ANTÓNIO AFONSO PARRA

"A Experiência" não é o primeiro texto de que és simultaneamente autor e encenador. Quais os desafios que te coloca essa dupla condição?
Não lhe chamaria desafios, chamaria uma vantagem. Antes de encenar algum texto temos de descodificá-lo primeiro. Quando escrevemos um texto, ele já está descodificado na cabeça do autor. Por isso, o acto de encenar um texto próprio faz com que a abordagem ao primeiro dia de ensaios tenha uma clareza superior ao processo normal.

Relativamente a peças tuas anteriores, que novidades traz "A Experiência"?
"A Experiência" traz uma velocidade diferente e a procura de um texto excessivamente oral, pouco burilado num sentido poético e literário.

Num primeiro texto promocional, fala-se de inspiração na peça "Os Veraneantes", de Gorky. Escreveste a partir de Gorky? Contra Gorky? A relação é mera coincidência ou houve outro tipo de aprofundamento?
A referência ao Gorky foi algo que descobri durante a escrita da peça, já com cerca de metade da obra final escrita. Não foi um objectivo inicial, mas, tendo interpretado a peça como actor (Produção de Ao Cabo Teatro em 2017), compreendo que ela pairasse no meu subconsciente. A ideia do enredo não vem do Gorky, mas assemelha-se ao dele, de certa forma. E fui reparando em alguns paralelismos entre as obras, sendo que o que mais me agrada é o facto de ambas colocarem as personagens num sítio físico extraordinário - a casa de férias representa uma fuga à normalidade - que as leva obrigatoriamente para um sítio mental que se assemelha a um purgatório. As férias representam um espaço físico e temporal de ninguém, onde mantemos a vida em suspenso até regressarmos a casa. Assim sendo, decidi dar-lhe a mesma estrutura (peça em IV actos) que me parece uma feliz coincidência "forçada". Neste caso, uma homenagem.

Parece haver uma dimensão cinematográfica no texto, marcada sobretudo pelo ritmo vertiginoso dos acontecimentos. Faz algum sentido para ti falar em "teatro cinematográfico"?
Creio que faz sentido falar em Teatro Cinematográfico, não só nesta criação minha mas em quase todas. O cinema é uma enorme referência na minha vida, por isso, mesmo que não conscientemente, trago sempre essa bagagem para a sala de ensaios e para o desenho do espectáculo. Neste caso mais específico, creio que o texto se assemelha mais ao "normal" do cinema, por ser mais usual e menos trabalhado no sentido que a escrita teatral normalmente procura. Aprendemos na escola, ao analisar uma peça, que tudo o que está escrito tem um sentido e um objectivo - aqui é igual, mesmo que por vezes o objectivo seja criar ruído ou uma distracção - mas ao ouvir este texto parece que muita coisa que é dita é-o sem grande significado, criando uma partitura sonora mais parecida à cinematográfica, que busca uma naturalidade que por vezes o teatro não comporta, ou não procura sequer.

Essa precipitação dos acontecimentos parece muito contemporânea, tem muito que ver com este tempo vivido em que tudo é altamente acelerado. Quiseste oferecer-nos algum tipo de retrato geracional?
Sim. Quis falar desta geração que vive num mundo descartável. As últimas décadas em que vivemos num modelo excessivamente capitalista levaram a humanidade a um abuso de produção em todas as áreas. Até na artística. Tudo é descartável porque a oferta é tão vasta que não precisamos de cuidar de nada, podemos sempre comprar de novo. E o facto de vivermos nesta realidade extrapolou essa condição desde os bens às pessoas. Repara, até nas nossas relações podemos comprar de novo - temos apps para encontrar a cara-metade, por

isso ao primeiro obstáculo podemos mandar uma qualquer relação para o lixo e procurar uma nova no supermercado.

A crítica aqui é feita a essa geração, que vive assim, sempre em busca de algo novo que preencha o vazio que sente. É uma geração que não tem por hábito o simples acto de pensar porque não se permite a isso. Vivemos com um telemóvel à frente dos olhos que nos estimula e nos bombardeia uma quantidade de informação superior àquela que conseguimos absorver. Por isso é uma geração que sabe tudo, mas ao mesmo tempo não sabe nada. Porque, como tudo nas suas vidas, até o conhecimento é descartável. Essa característica é que traz essa velocidade de que falas. A velocidade do consumo. Quando as coisas não precisam de tempo para serem criadas e maturadas, entramos numa lógica fabril e creio que esta geração vive nesse ritmo de superprodução de acontecimentos, relações, sentimentos, o que quer que seja...

Creio que um dos grandes responsáveis por esse aceleramento é a Internet, por isso, nesta peça, fiz o exercício de colocar estas personagens a lidar com a ausência dela. E o resultado é, de certa forma, uma auto-análise e uma introspecção que, a meu ver, é saudável. Por outro lado, sem o apoio dessa ferramenta no bolso, as conversas não ficam sustentadas em factos, passando a ser uma troca de opiniões superficiais em que a oratória ganha um registo popularucho, por vezes, como forma de obter uma vitória moral mais rápida. Ou seja, quando olham para dentro, as personagens ganham profundidade. Quando olham para fora, perdem.

Divides as cenas em quatro estações, ainda que estejamos sempre no mesmo lugar, num mesmo dia. As quatro estações correspondem a uma relativização do tempo proporcionada pela alucinação ou é antes uma forma de pautar as transformações na personalidade das personagens, nomeadamente na descoberta do André, onde isso parece ser mais evidente?

Primeiro, houve a decisão de fazer a divisão em quatro actos (do Gorki), quase como um limite que me impus a mim próprio ao escrever.
Depois, ao editar a peça, reparei que esta noite funciona como um ciclo temporal que me faz lembrar as estações do ano. A Primavera (tempo de nascimento, optimismo para o que aí vem, verde e colorido) é a chegada e a preparação para o grande evento. O Verão (tempo de calor e de descanso - coincide com o repasto - amarelo, tons claros). O Outono (aproximação de frio, a seca da natureza e mudança dos tons claros para os escuros - castanho). Por fim, o inverno (associado ao fim do ano, ao frio, a um período mais rígido e de dificuldades, à noite, ao escuro). Daí a associação de cada estação ao seu acto, metaforicamente falando, dando logo na didascália inicial o tom do que acontece.

ANTÓNIO AFONSO PARRA

É actor, músico, autor, professor e encenador. Formou-se em Teatro Interpretação na ESMAE, Porto, e começou a carreira profissional em 2007, tendo trabalhado ininterruptamente desde então. É membro fundador de duas estruturas teatrais: A Turma e AMANDA, onde trabalha continuamente como dramaturgo, autor, actor e encenador. Tem obras editadas em colectâneas de peças teatrais levadas a cabo pela AMANDA e pel'A TURMA. Fundou em 2007, com Tiago Correia, o seu projecto musical Les Saint Armand tendo já editado dois álbuns e contando com algumas composições de música para produções teatrais. Como actor, trabalha regularmente com estruturas como Ensemble – Sociedade de Actores, Teatro da Rainha, Teatro Nacional de S. João, entre outras, onde destaca o seu trabalho com os encenadores Nuno M Cardoso, Rogério de Carvalho, José Carretas, Fernando Mora Ramos, Ricardo Pais, Nuno Carinhas, Nuno Cardoso, Albano Jerónimo, Jorge Pinto, entre outros. Investe grande parte do seu trabalho nas artes de palco, não deixando, porém, de fazer algumas incursões no mundo da televisão e do cinema, onde destaca os trabalhos com Tiago Guedes e Artur Serra Araújo. Tem efectuado também trabalhos em publicidade. É, desde 2015, professor de interpretação na ACE – Famalicão, tendo já leccionado também no Balleteatro, na ACE - Porto e na ESMAE. N'A TURMA, escreveu e encenou "Casa dos Pais", adaptou e encenou "O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá" - Uma História de Amor a partir do romance homónimo de Jorge Amado e recentemente escreveu e encenou "O Mundo Mágico do Tudo Bem", ainda em digressão nacional. É diretor artístico do projeto ELO do Coliseu do Porto. Integra o elenco de "Catarina e a Beleza de Matar Fascistas" de Tiago Rodrigues, espetáculo que se encontra ainda em digressão mundial, produzido pelo Festival D'Avignon. Para o Teatro da Rainha, encenou, em 2019, "O Pedido de Emprego", de Michel Vinaver. Como intérprete, integrou os elencos de várias produções da companhia sediada nas Caldas da Rainha: "Play House" e "O Resto já devem conhecer do cinema", de Martin Crimp, "Pensa, logo sangra", com textos de Joseph Danan, Gregory Motton e Alvaro García de Zúñiga, "Dramoletes 1", de Thomas Bernhard, "Jojo, o reincidente", de Joseph Danan, "Entremez dos romances", de autor anónimo, "O Filho", de Jon Fosse, e "Na Cama Com Ofélia", de Henrique Manuel Bento Fialho.

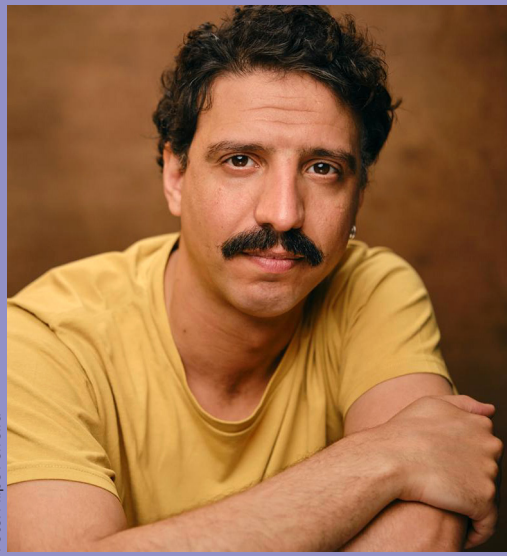


Foto: Filipe Ferreira



COGUMELOS MÁGICOS

Serão atómicos
indução de sensações atónitas
se no âmago da atonia
nos telefona no próprio dia
o futuro alucinogénio
tecnicolor e de sofá
que fazer, pá?

estás ali e catrapós
levas com a cena em cima
uma tromba de água com olhos
o que nada tem com
o olho do furacão
que não ladra

mágico é o cogumelo único
será?
o átomo e a sua cisão
desde o tempo dos papados
em avignon outro em roma
bíblias ungidas
de cereal e tintos nas matinas
o cardeal
a boca na teta
a rejuvenescer fé e oração
até erecta ângelus cogumelados

o neurónio cindido não explode
implode a lógica das mãos
direita e esquerda joelho valgum
andar de andas na imaginação
dissociação eu mais eu igual a 3
ou talvez mais
como certo Pessoa
esse é o número que deus fez OK
o eu pai o eu filho e o eu pombo
columbófilo
cardumes de asas esvoaçando metafísicas coxas
infestam catedrais mortas quintais abandonados
casas vazias
mortos vivos dia a dia
a prumo de vidas sem tecto
vidas contidas
sem eco
esses: os que sem veneno
a medo alimentam o desejo
de ser apenas ser
outros são no espelho o espantalho amado
que faz transbordar o passado
bio curricular
em ânsia de protagoninismos
eu sou eu e mais eu e eu
em cimeira eu
capice? ou a tiro de Beretta?

está cabimentado?
senhor presidente de junta
de bois mal alinhados
os cornos desenfreados
ambições de fardos
de palha em rota concelhia de olimpicar
amplas colinas e pórticos napronados
aqui mando eu

os mais outrossim
são multidão em mim

quando te sentes tantos
que te manifestas mundo
e corres praças e avenidas
galgando as leis injustas
que bloqueiam a vida
muros e grades
e os destróis
como na cheia do rio
do poema de Brecht
sobre as margens opressoras
a malta tudo leva de aluvião

o neurónio armado
o calcanhar do átomo
explodem em geografias
continentais e unas diferentes
o mar começa mar
os mares veem da fonte única
os peixes circulam no interior surdo da submersão
se os pixéis forem de qualidade e sem muito peso
o sabão das coisas que os transluz não nevoenta
peixes aranha reluzindo espada ou linguado
o tubarão da navalha
tudo isso de brilho puxado
à força de músculo fêmea
a pele de crocodilo até

afinal a musculação animal
é sem sexo natural
não há cá bípede macho
que alue propósitos
é bi é trans é hétero é sem
é com é mais é mais além é aqui é a cores
e até orgasmos a preto e branco

de muita sêmea erógena de quintal
de ervas tresmalhadas sem canteiro
a vitamina dada ao porco e o cercal à bicharada
hambúrgueres de minhoca
omeletas de massa crítica
tudo vale
é mercado trans venal
e no princípio era a troca
depois veio o tremoço

o ovo da existência
mata o da serpente
na boa ciência

a criança bomba
a adolescente bomba
a mulher bomba
o homem bomba
o carro bomba
o avião bomba
a multidão bomba
o vant supersónico
a Sónia czarina
irmã da prima Cesaltina
a prima Nectarina
a Zina a afiambrar
a sombra o olho
a pálpebra star de piquenique
o iogurte da magreza a expandir pulsações
o olhar matador
entre pernas os rios
abrasador
o grunho então diz amor
mesmo mor

os dentes afiados
a halitose extremada
um desastre de anunciada

o rei da ilha sou mim
o da bilha tamén
a ilhéminha
o país de baixo é meu
é tudo meu incluindo eu meu
imobiliário cripto bilionário
o meu gaz de tripa
é meu
Oh identidade combustível
Oh querido gasóleo
a trip neuropata
a cretinice globalizada
o céu amorfo dos demais
o poder de apunhalar a mãe
a ordem unida
da facharia ocidental
anã

o probiótico intestinal atómico ajuda
vai mais longe que o neuronal
é o verdadeiro pentágono
bipolar octogrunhal
de esfacelada sintaxe
besta é besta e basta
venham bandarilheiros
venha cometas
circos de morte
que o touro é bravo
de borrado de medo
a cornadura poupa

dupla de veado mor
é só de praxes
e exércitos guarda-costas
heroi-cómicos

já as louras
morrem ao microfone
a boca na terceira frase
mal-amanhada
nem rimas nem nada
vómito classista
eles?
nem sequer têm casas de banho

que faz diante do átomo cindido
o eu perdido nas rimas
o sujeito peixe apanhado
na rede das palavras nada belicosas
o do verso branco
o do verso solto
o do verso livre
sem rosto o do nariz
de epopeias amorosas
longos suspiros entoados
na sombra da sombra
de alguém e de acácias
seriam?

o cogumelo
única lâmina
sobre os pescoços
como um gládio final
aquela linha animal
o matadouro terminal

cabeças de um corte
atiradas à fossa comum
rios de sangue que correm
na foz do magma massacrante

eu o meu neurónio
o átomo mais a sua ciência
a ciência da destruição
é uma técnica
ciência seria matar a fome
à humanidade

Fernando Mora Ramos

A EXPERIÊNCIA M/16

Texto, encenação e figurinos: **António Afonso Parra**
Interpretação: **João Cravo Cardoso**, **Telma Cardoso** (A Turma), **Fábio Costa**, **Mafalda Taveira**, **Tiago Moreira** (Teatro da Rainha)
Cenografia: **Ana Gormicho** (A Turma)
Desenho de luz: **Hâmbar de Sousa** (Teatro da Rainha)
Desenho de som: **Filipe Louro** (A Turma)
Operação de som: **Raquel Capitão** (Teatro da Rainha)
Direção de produção: **Inês Arinto** (A Turma) e **Ana Pereira** (Teatro da Rainha)
Produção executiva: **Inês Guedes Pereira**, **Mariana Lourenço** (A Turma) e **Rebeca Vendrell** (Teatro da Rainha)
Comunicação e mediação: **Ana Tomás Lopes** (A Turma), **Henrique Fialho**, **Nuno Machado** e **Mariana Santos*** (Teatro da Rainha)
Design: **Francisco Ribeiro** (A Turma) e **José Serrão** (Teatro da Rainha)
Criação de imagem / ilustração: **José Serrão**

Coordenação técnica: **Hâmbar de Sousa**
Montagem de luz e de som: **Hâmbar de Sousa** e **Raquel Capitão**
Fotografia: **Margarida Araújo** e **Paulo Nuno Silva**
Spot TV e Rádio: **Raquel Capitão**
Programa: **Henrique Fialho**
Secretariado: **Teresa Almeida**

Cocriação: **A Turma** e **Teatro da Rainha**
Coprodução: **Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha** e **Teatro Municipal de Matosinhos Constantino Nery**

* Estágio +Talento do IEFP.

Por razões artísticas, este espectáculo contém cenas de consumo de tabaco em palco e usa iluminação estroboscópica.



A Turma

TEATRO DA RAINHA

Centro Cultural e Congressos

TEATRO MUNICIPAL MATOSINHOS CONSTANTINO NERY

matosinhos

Caldas da Rainha

matosinhos

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA

dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

JORNAL DAS CALDAS

91 FM

RTP 2

ANTENA 2

GIRODIÁRIAS